



COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*As figas*, por Alberto Pimentel;—*Nicolau Tolentino em presença de novos documentos*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Os excêntricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*Contos da Caróchinha*, por Catulle Mendès;—*A Mosca*, versos, por Eugenio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*Em família* (*Passatempos*);—*A vir*;—*Um conselho por semana*;—*A Rosa Linda*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*O anarchista francez*, Duval;—*Palacio dos srs. duques de Palmella, em Cascaes*;—*Julio Cesar Machado*;—*Interior d'uma habitação na ilha de Korido (Nova-Guiné)*;—*João Antonio Ogueia*.

CHRONICA

Ser ou, não ser, como dizia o palhão do Hamlet.

Quem nos affirma, realmente, que esse mesmo descanço d'alem tumulo, que poderíamos buscar por nossas mãos, não seja, como quasi tudo que n'este mundo se inventa, uma perfeita burla? Quem jura que na morte o espirito repouse, enquanto o corpo se revolve, na mentirosa paz do cemiterio, alimentando as flores, e alimentando os vermes?

Quantas e quantas vezes tenho eu scismado n'esse recuso facil do suicidio, para outras tantas me debater na duvida tremenda de que não passem d'aqui, de que não atinjam tambem



O ANARCHISTA FRANCEZ, DUVAL

a outra vida, as theorias economicas do sr. Marianno de Carvalho, o temeroso nariz do seu collega, os mil e um abortos que nos apavoram e nos amesquinham, durante o breve curso que temos de fazer na terra!

Quem sabe mesmo se, á minha entrada no ceu, que é a melhor e tambem a menos provavel das hypotheses, ainda ahi, S. Pedro, sendo aliás uma excellente pessoa, me dispensaria de escrever chronicas sobre as semanas de lá, que, demais a mais, é desgraçadamente possivel que sejam maiores do que as de cá.

Sêr é um facto; não sêr é que é, em ultima analyse, o problema.

Sejamos, pois, e visto que, por um capricho desastroso da fortuna, nascemos e vivemos n'um seculo e n'um paiz tão ricos de complicações e de tristezas, desviemos d'isso, quanto possivel, o pensamento, e discutamos, porque é forçoso discutir, sobre o que a vida tem de bom, que é tambem o que tem de util.

Creio piedosamente que, ao sexo fragil que me lê, nada scrá mais agradavel do que revêr, por um instante que seja, e atravez, muito embora, da transparencia problematica da minha prosa, esses magnificos salões onde os viscondes da Graça inauguraram este anno os bailes elegantes, e onde, na noite de 29, se encontrava tudo que o bom gosto poderia phantasiar, e uma grande parte do que a belleza havia já realisado, mas que, no maior numero de casos, apenas logramos entrevêr atravez das portinholas das carruagens, nos camarotes de S. Carlos, quasi sempre a uma distancia que não é positivamente a mais propria para se aspirar o aroma d'essas florinhas exhoticas, que desabrocham, muito ao contrario das outras, quando o sol declina, e só de noite se ostentam em todo o seu esplendor.

O visconde, que era desde muito um comprovado *sportman*, quiz demonstrar que era tambem um verdadeiro *gentleman*. E deu um baile.

A viscondessa folgou de certo com isso, porque reuniu no seu palacio, na sua estufa, a sociedade elegante de Lisboa, com a deliciosa vaidade de lhe revellar que se vivia bem n'aquelle ambiente onde as proprias camelias recusavam emmurcheçar e desfolhar-se.

Lá estava o amor. Eu o vi, recordo-me, adejando sobre a cabeça de um par, que nos intervallos da contradança, ao som da orchestra, batia compasso, alegremente, sobre o thema antigo, sobre o eterno thema; eu o vi percorrendo aquellas salas opulentas; eu o vi, mais tarde, no buffete, saboreando delicadamente o pires de neve que, de resto, não lograva dissipar o delicioso ardor d'aquella febre santa.

Muita luz, muita flôr e muita valsa, nada ha como isto, para arrancar dos espiritos da gente a semsaboria teimosa que preside á grande parte da vida que é necessario soffrer na atmospheria ordinaria. Vive-se ali de outra maneira, vive-se ali de um modo que nem mesmo os sonhos reproduzem, por mais profunda que seja a saudade com que revôam dentro em nós aquellas horas fugitivas.

Lembro-me ainda vagamente de ter visto dançar um *cotillon* na delicada vivenda dos viscondes. E lembro-me, porque o não dancei. Aliás ter-se-hia este meu pobre espirito lançado nos braços de qualquer valsista, e quem sabe se, n'este instante, por lá não andaria ainda!

Posso afirmar-lhes que o barão da Regaleira é de primeira ordem a marcar um *cotillon*, porque não tem nem sombra de piedade para com os martyres do acaso, ou de caprichos das ellas. Não se imagina a frieza com que o barão prendia demonios estupendos na cabeça de cada qual, para seguidamente os despedir, se a respectiva dama os desprezava, com o mais nitido

—*Eh bien! Que le diable l' emporte!*

Havia desgraçados que, ao aproximarem-se do val-

sista, se faziam pallidos, sentindo antecipadamente a convicção profunda de que ia leval-os o diabo. Nem para esses o barão tinha clemencia; sempre correcto, mas inflexivel sempre, ia-os mandando todos, em muito bom francez, áquelle triste destino.

Deixal-os ir.

Mais do que nunca, me sinto hoje incompativel e m esta immensa pagina da *Illustração Portuguesa*.

E nem me resta sequer a satisfação de responder á consciencia com a falta de assumpto, porque o houve de sobra n'estes ultimos dias, em que, dentro do paiz como fóra d'elle, se continuou accentuando a moderna tendencia humana para aquelles tempos ingratos de que muito ufanamente pretendia destacar-se o seculo das luzes... apagadas, sem duvida nenhuma.

E' tristemente incontestavel que paira sobre a Europa uma calamidade estúpida. O progresso, desenvolvendo as industrias durante a paz, não teve em mira o aperfeiçoamento dos homens; teve em mira, simplesmente, o aperfeiçoamento das bocas de fogo. Ha hoje sistemas muito economicos de destruir um navio, de incendiar uma cidade, de aniquillar um exercito; não está porém a economia do mesmo modo adiantada no que respeita ao desenvolvimento pacifico das povoações, onde surgem a cada instante problemas em cuja solução difficil tem muitas vezes de intervir o argumento irrespondivel das bayonetas, fabricadas tambem com a maxima meticulosidade e barateza nos arsenaes enormes de todos os estados que progridem.

Se o mundo é feito assim! De resto, como evitar o retrocesso da civilisação u'um tempo em que os sermões de moral, os proprios, attingiram sem maior esforço o cumulo da semsaboria?

E enquanto sobre a Europa se condensa a temerosa nuvem que ha-de explosir tarde ou cedo, que estranhas cousas do mesmo modo se passam n'este ignorado recanto occidental, onde esvoaçam moribundos os echos de uma epopêa antiga!

O que diriam lá fóra dos nossos homens politicos, se algum vivesse ainda em que lá fóra se fallasse! O que diria um povo honestamente constituido, de um governo que, recebendo em pleno rosto os apodos mais vis, nem resolvesse contestal-os, nem resolvesse demittir-se.

Eu não sei com que difficuldades luctam politicamente os actuaes ministros. Não sei o que elles dizem; apenas ouço o que elles ouvem, e que é extraordinario.

No que respeita ao monopolio do tabaco, não creio que haja motivo para maior reccio. E' um mal que pouco pode offender-nos, porquanto naturalmente não chegará a estabelecer sobre nós o seu dominio nefasto.

Os que, de quando em quando, costumam saborear um bom charuto, não devem tão antecipadamente estremecer perante a perspectiva da Fabrica Nacional que, por enquanto, farta-se de ser problematica.

O monopolio do tabaco deve realmente ser uma verdadeira monstruosidade. Para que se levante a celeuma que por ahi vae, n'um paiz que, fiel ás suas tradições, tão socegradamente costuma dormir sobre tudo que lhe importa, para que o operario portuguez se manifeste em *grève* por mais de um quarto de hora, para que exija alguma cousa justa, é certamente preciso que lhe pese muito o jugo que pretendiam impor-lhe.

A verdade é que este discutido monopolio, este elemento de progresso, esta batota, levantou maiores attritos do que se esperava nas regiões do poder.

E' uma medida economica cuja efficacia ninguem contesta, mas que tem de morder o pó, para não excitar uma crise de excepcional violencia.

E, ainda assim, quem nos responde agora pelo socego que durante meio seculo gosámos?

FAZER FIGAS

Fazer figas, para livrar do mau olhado, é um costume portuguez muito enraizado nas tradições populares.

Quando se procura a origem d'estas tradições é indispensavel olhar para o Oriente, porque de lá vieram, como julgamos, ou pelo menos já lá eram conhecidas em tempos remotos.

Assim, no *Rig-Veda*, a esposa é exhortada a ser *aghoracaks-hus*, isto é, sem olhar malfazejo para seu esposo.

Em Roma havia, como um legado árya, a superstição do *oculus fascinus*, espalhada hoje em toda a Italia com o nome de *jettatura*. Os romanos tinham, para conjurar o mau olhado, não só a phrase *Ne me fascines* (Não me tolhas), mas também uzavam pôr ao pescoço das creanças o symbolo a que vulgarmente damos o nome de *figa*.

Nós, os portuguezes, encontramos nos escriptores antigos numerosas allusões ao costume de fazer ou trazer figas. Gil Vicente, precioso repositório de tradições populares, diz por exemplo:

Qualquer que disser que é resuscitado
Dar-lhe-hei na *figa* debaixo do manto.

Embarcade lá esta *figa*.

Em Rodrigues Lobo encontra-se esta referencia:

Olhou-te Lucindo,
O dos olhos brancos,
Que são peçonhentos,
Como cão damnado.

Não lhe deste *figas*,
Deram-te cuidados,
A todos suspeitas,
E a muitos agravos.

Qual seja a origem provavel d'este costume popular, assumpto é muito de geito para convidar a investigações que, á luz da sciencia moderna, não deverão deixar-se ir ao sabor da imaginação de quem se propozer tratá-lo. Escrevendo estas palavras, fazemos allusão ao licenciado Domingos Pereira Bracamonte, que em 1612 imprimiu em castelhano (Lisboa, imprensa de Lourenço de Anvers) o *Banquete que Apolo hizo a los embaixadores d'el-rey de Portugal Don Juan Quarto*.

O erudito licenciado inventou imaginosamente uma origem, que chega a ser graciosa, a força de ser um jogo de alliteração pueril.

«Tenho duvida, diz elle, se a figa, que umas vezes representa a forma da mão feita de crystal, outras vezes de polido azeviche, traz o nome e a origem dos figos? Obrigam-me a opinar pela affirmativa os que dizem que d'elles sahiu aquelle infausto pomo, que a enganada Eva colheu para perdição de Adão, e condemnação nossa. Porque se o mandragora, que Rachel comeu, só porque de esteril a tornou fecunda, ficou com benção de virtuosa, e ainda hoje, a quem o é, dizemos, *corrupta voce*, que tem *mandracola*, também por contraposição o figo ou figa, que se forma com os dedos, pode servir de vituperio e opprobrio em memoria d'aquelle, que foi occasião do primeiro peccado. Assim como para chamar a um homem filho de enforcado basta mostrar-lhe uma corda, também para chamar ao filho de Adão peccador e desobediente a Deus, bastará dar-lhe ou mostrar-lhe um figo, ou figa formada com os dedos.

«E se não quizermos fazer a figa tão antiga (ainda que em ser figa o pareça) digamos que teve pela mesma razão seu principio n'aquelles figos, que Catão levou mui frescos e sazonados ao Senado, com os quaes demonstrou aos Padres Conscriptos quão proximos tinham os muros de Roma dos seus inimigos, pois não havia tres dias que os figos tinham sido colhidos em Carthago, com o que animou a todos para que fizessem a terceira guerra punica, em que foi assolada aquella famosa cidade, fabrica da rainha Dido, metropole da Africa, e terror de toda a Italia. De sorte que para os carthagineses o figo ou sua figura servirá de opprobrio trazendo-lhe á memoria aquelles figos que foram occasião e motivo de sua destruição e captiveiro.

«O certo é que a figa se denomina assim do verbo *figar*, que quer dizer encravar ou fisgar, o qual nos tempos antigos, e ainda agora em muitas provincias do mundo corresponde ao hespanhol *enforcar*; de sorte que *higa* ou *figa* (como melhor que todas pronuncia a lingua portugueza) vale o mesmo que força, e uma e outra se forma com os dedos em signal de desprezo ou vituperio de alguém. Comquanto sua propria significação seja negar alguma cousa com desprezo, quando um galan pede favores a alguma dama, se ella responde com uma figa, faça de conta que lh'os nega, e lhe diz que, desesperado d'elles, se enforque, alludindo talvez com a figa ou força á outra em que Judas se enforcou desesperado.

«Do que tenho dito se collige a razão por que as amas, quando levam as creanças a publico, as armam de figas de azeviche,

porque, como esta pedra tem grande virtude contra o halito e olhos das feiticeiras, e homens veneficos, parece que as figas de azeviche lhes estão dizendo que se enforquem e desesperem de exercer n'aquellas creanças a sua malignidade, em quanto ellas as amparam e defendem.»

Muitos escriptores antigos enlabyrinthavam-se em camisas de onze varas para sustentar certas filiações historicas, que não tinham em seu favor senão um capricho de imaginação. Assim para o licenciado Bracamonte, *figa* vem de *figo*.

Que a memoria do licenciado nos perdõe, mas supponho que se enganou redondamente.

Para nós, a *figa* denuncia o naturalismo aryano: é uma degeneração do culto phallico, que exprime a potencia productora e creadora da natureza em opposição á consumpção por maleficio.

Vem em nosso auxilio, para sustentarmos a origem phallica da *figa*, a ethnographia romana, quando disse pela bocca de um dos annotadores da versão dos *Fastos* por Castilho:

«Usavam também (os romanos) trazer ao pescoço das creanças alguma cousa torpe e vergonhosa, para affastar d'ellas os maus olhos, como conta Varrão, d'onde veiu o uso dos *dixes*, ou *digtes*, como v. g. a figura da mão com os dedos contrahidos, que de alguma forma traz ao sentido a forma do priapo, ou genital humano, que é cousa bem vergonhosa e torpe, como nota D. Ramires del Prado, explicando a Marcial:

Et tu digitum porrigito medium.

«Com o andar dos tempos, estes *dixes* ou *digites*, foram tomando formas menos deshonestas, que são as que ainda hoje vulgarmente chamam *figas*.»

O culto do phallus, segundo todas as suas formas symbolicas, era commum aos povos do Oriente, desde os tempos mais antigos.

No Egypto celebravam-se as phallophorias em honra de Khem ou Ammon, considerado como principio gerador.

Os israelistas celebravam no paiz de Chanaan o culto phallico.

Lenormant, nas *Origens da historia*, nota que ao lado dos cylindros babilonios e assyrios havia dois emblemas religiosos de uma forma muito comprehensiva para que se duvide de que fossem o symbolo da suprema potencia divina (o Phallus) e a imagem do *miptéceth* da Biblia, o pubis feminino.

A forma mais solemne de juramento, entre os hebreus, consistia em pôr a mão sobre os órgãos genitales d'aquelle a quem se jurava.

«Se tu me amas, diz Jacob, moribundo, a seu filho José, põe a tua mão sobre a minha coxa, e promette-me proceder para commigo com amor e fidelidade: não me enterres no Egypto.» *Genesis*, XLVII, 29.

Sobre a coxa é um euphemismo para designar os órgãos sexuaes.

A medicina, como observa Emilio Ferrière, ¹ ainda hoje dá o nome de sagrada á região inferior do corpo; o *plexus* sagrado é o entrelaçamento que fornece as suas ramificações aos órgãos da geração.

O juramento solemne dos hebreus, consistindo em pousar a mão sobre a coxa da pessoa a quem se jurava, estabelece a relação symbolica existente entre a mão humana, pelo contacto com os órgãos da geração, e o culto phallico.

Absalão, não deixando successão que lhe perpetuasse o nome, erigiu-se um monumento no valle do Rei. (*Simuel*, XVIII, 18.)

A esse monumento tem-se chamado sempre *a mão de Absalão*.

Os monumentos phallicos dos hebreus eram, por via de regra, pedras verticaes isoladas, que não podendo servir de base a qualquer objecto, não podiam deixar de ter um sentido religioso e symbolico. ²

O Oriente conserva ainda hoje o culto phallico em toda a sua intensidade tradicional, como se pode ver em Bombaim, na aldeia sagrada dos brahmanes, *Walkeschwar*. ³

Achada a relação symbolica entre a mão humana e o phallus, isto é, considerada a mão como uma forte expressão do symbolismo phallico, é facil comprehender que a *figa* fosse primitivamente uma arma sagrada contra o maleficio pelo mau olhado.

Mas depois que os symbolos phallicos se tornaram obscenos, como hoje são, é facil comprehender também o sentido injurioso que se liga ao acto de fazer figas a alguém.

ALBERTO PIMENTEL.

¹ *Paganisme des hebreux jusqu'a la captivité de Babylone*, pag. 172 e seg.

² Reuss, *Historia dos israelitas*, 440, nota 3.ª

³ *Lettres d'un voyageur dans l'Inde*, por Ernesto Kaeckel, pag. 75.

Nicolau Tolentino em presença de novos documentos

V

Vamos agora ver como o dinheiro principiou a correr a jorros em casa de Nicolau Tolentino sempre famelico, sempre pedinchão, sempre com os bolsos atulhados de memoriaes, e com a penna prompta para os requerimentos, requerimentos e memoriaes em prosa e verso.

A 10 de setembro de 1790 obtinha Nicolau Tolentino o fôro de cavalleiro fidalgo. Não era isso como hoje pura mercê honorifica, antes causa de despeza do que origem de receita. Um cavalleiro fidalgo recebia 750 réis por mez, e um alqueire de cevada por dia, pago a dinheiro. Segundo os calculos do sr. visconde de Sanches de Baena os 365 alqueires de cevada valiam pouco mais ou menos 41.5000 réis, o que, junto com os 9.5000 réis da moradia davam ao nosso poeta uma receita de 50.5000 por anno, que lhe chegariam com toda a certeza para a renda da casa, se se resignasse a morar n'uma casa que não fosse de grande espavento.

A 31 de agosto de 1793 era feito cavalleiro de Christo. Nenhuma importancia isso tinha como receita. Nicolau Tolentino transitava simplesmente da ordem de S. Thiago para a de Christo, porque esta ultima, segundo parece, era mais conceituada n'esse tempo.

Prova isto apenas que Nicolau Tolentino tinha a requerimento-mania. Quando não pedia dinheiro, pedia mercês honorificas, e em não pedindo nem uma, nem outra coisa, pedia a transferencia da ordem de S. Thiago para a ordem de Christo.

Em 1801 obteve Nicolau Tolentino uma importante mercê, que foi a de poder imprimir gratuitamente as suas obras na Impressão Regia. Por esse mesmo tempo vendia Bocage quasi ao desbarato os seus admiraveis versos.

Esta mercê, no dizer do sr. visconde de Sanches de Baena, não rendeu ao poeta menos de doze mil cruzados. Parece que a informação foi colhida nas taes memorias manuscriptas da irmã de Tolentino.

Em 1803, jubilava-se como professor regio, logar em que provavelmente já estaria substituido por algum serventuario, e ficava vencendo annualmente a pensão de 225.5000 réis.

Pois em 1804 fazia elle o seguinte requerimento, que vamos transcrever na integra, porque é na realidade um curiosissimo documento:

«Diz Nicolau Tolentino de Almeida que elle bem recorda a Vossa Alteza Real 16 annos de professor regio de rhetorica e poetica, e vinte e tres em official da secretaria dos negocios do reino, que, tendo-lhe ficado por fallecimento de seu pae muitas irmãs e sobrinhas, sem terem absolutamente meios alguns de subsistencia, divide entre ellas o seu ordenado, e lhes procurou socorros, entre os quaes foi o requerer a seu favor remuneração dos seus proprios serviços, que obtivera tenças, mercê que a calamidade dos tempos lhe tem feito pouco util, que, achando-se em idade avançada, e entrevendo e indigencia em que ficarão, principalmente suas duas irmãs, viúvas e uma donzella, com poucos meios de subsistirem a esses muito falliveis, recorra á paternal piedade de Vossa Alteza Real, apresentando os seus segundos serviços, fiscalizados e decretados na forma do regimento e pedindo humildemente que se digne remunerar-os com a mercê effectiva que fôr do seu real agrado, e sobrevivencia repartidamente entre as suas tres irmãs, D. Anna Thereza, D. Joaquina Thereza e D. Jeronyma Maxima, mercê que pouco aggravaria a real fazenda, porque duas ainda são de idade mais avançada do que o supplicante.

Portanto pede a Vossa Alteza Real que, em remuneração dos ditos serviços, e muito principalmente por sua real beneficencia e seja servido concedel-o assim E. R. M.

Em presença d'esta choradeira, concedeu-lhe o principe regente cumprir por empenho do visconde de Villa Nova da Cerqueira, uma pensão de 200.5000 réis com a sobrevivencia reclamada.

Sete annos depois morria Nicolau Tolentino, e deixava testamento, que resava assim:

«O meu enterro sera feito ao arbitrio da minha testamenteira ou testamenteiros abaixo nomeados pela ordem com que o são.

Mando que se digam 150 missas pela minha alma, de esmo-las de 160 réis cada uma, a saber: 130 nas igrejas dos padres barbadinhos de Santa Apollonia e da Esperança, e 20 aos do Hospicio dos padres de Jesus Nazareno da Penitencia na travessa dos Ladrões.

Instituo por minhas herdeiras a minha irmã D. Anna Thereza Froes de Brito e D. Joaquina Thereza Froes de Brito, estas nas duas partes de minha irmã, e aquelle na outra terça parte d'elle, e cuja herança se verificará depois de vagos os lagados e mais disposições que n'elle determinei.

E, quando ao tempo da minha morte não sejam vivas as ditas minhas irmãs e herdeiras, ou alguma d'ellas, instituo por meus herdeiros nas ditas duas partes a meus sobrinhos Luiz da Silva Coimbra, D. Maria do Carmo de Baena Coimbra, D. Maria Isabel de Baena Coimbra, todos filhos de meu sobrinho Francisco da Silva Coimbra, e este da dita minha irmã, D. Joaquina Thereza Fróes de Brito, e a dita terça parte da mesma herança, e remanescente d'ella a meu sobrinho Gonçalo José Maria, filho de outra minha irmã, D. Anna Thereza Fróes de Brito.

Nomeio por minha testamenteira em primeiro logar a dita minha irmã e herdeira D. Joaquina Thereza Fróes de Brito, e em segundo ao dito meu sobrinho, beneficiado Gonçalo José Maria

Deixo aos ditos meus segundos sobrinhos, filhos do dito meu sobrinho Francisco da Silva Coimbra, a saber-

A Luiz da Silva Coimbra sessenta mil réis, a D. Maria do Carmo de Baena Coimbra cento e vinte mil réis, e a D. Maria Isabel de Baena Coimbra outros cento e vinte mil réis, e todos estes legados por uma só vez.

Deixo á minha creada Maria da Piedade cincoenta mil réis por uma só vez.

E d'este modo hei por findo e acabado este meu testamento, que quero que valha como tal etc.»

Não é de certo este testamento de um homem rico, mas tambem não é de um pobre. Distribue em legados 350.5000 réis, deixa para missas 24.5000, e de certo não fazia isto, elle que tanto se preocupava com o futuro de suas irmãs, se lhes não podesse legar a ellas alguns contos de réis, ainda que fossem poucos.

Antes de proseguirmos diremos tambem que o requerimento feito por elle para obter uma pensão para suas irmãs prova que deixou de exercer o logar de professor regio logo que entrou na secretaria de Estado porque declara que servio 16 annos como professor de rhetorica, e vinte e tres como official de secretaria.

Como porem, se jubilou ao completar parece-nos que trinta e cinco annos de propriedade da cadeira, não diremos de serviço, mostra isto que teve de certo lá algum serventuario.

O testamento de Nicolau Tolentino é datado de 1808. Foi o tempo em que entraram com elle idéas sombrias, e em que o pensamento da morte naturalmente o assaltou.

Conta-nos effectivamente o sr. visconde de Sanches de Baena que a entrada dos francezes em Portugal o entristeceu profundamente.

E' honroso para elle este sentimento, e prova que no peito a'esse motejador pulsava no fim de tudo um coração portuguez.

Tambem começava a fazer-se em torno d'eile um certo vacuo. Sua irmã D. Rita morrera em vida de seu pae, mas das suas tres irmãs que mais o tinham acompanhado, Jeronyma morrera no recolhimento de Lazaro Leitão em 1807. Alem da parte na pensão que Nicolau Tolentino obtivera para suas irmãs em 1804, desfructava um rendimento de 50.5000 réis annuaes, resultado de uma tença que comprara em 1792.

Seu irmão Francisco de Paula morrera em 1799, sem deixar successão.

Finalmente a 1 de março de 1811 morreu sua irmã Anna, morte que mais ainda assombrou a sua existencia, e lhe carregou a melancholia.

Sobreviveu-lhe apenas sua irmã D. Joaquina, e foi esta juntamente com seu sobrinho Gonçalo Maria quem herdou os bens de Nicolau Tolentino. Dissemos atraz que não era natural que Nicolau Tolentino deixasse perto de quatrocentos mil réis de encargos sem ao mesmo tempo legar aos seus quantia que fosse superior a alguns contos de réis, e assim foi effectivamente. Sabemos, ainda pela memoria de sua irmã Joaquina, que esta recebeu á sua parte doze mil cruzados. Ora como D. Joaquina herdava as duas terças partes dos haveres de seu irmão, segue-se que este reuira a bonita somma de dezoito mil cruzados!

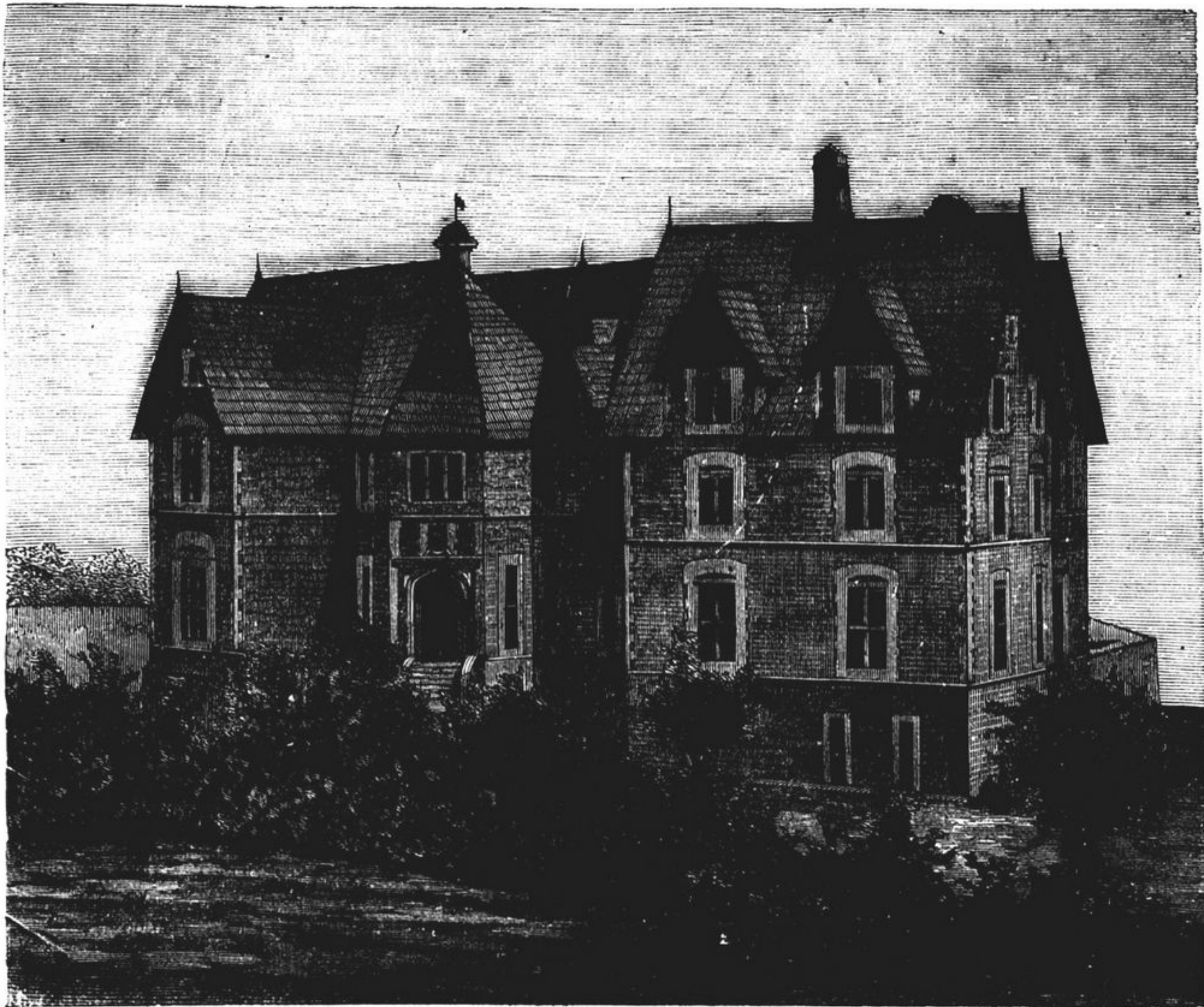
E um homem, que legava dezoito mil cruzados a pessoas que já tinham rendimentos proprios, ainda que não fossem muito avultados, tinha direito realmente para fazer aquelle estranho requerimento que transcrevemos, e para roubar perfeitamente a algum desgraçado servidor da patria, cuja familia houvesse ficado a morrer de fome, o pão que obtivera para a meza farta e luxuosa de suas irmãs?

E' revoltante; nada ha que desculpe a soffrega cubiça de Nicolau Tolentino, e é necessario que seja, como realmente é, enormissimo o talento do poeta, para que possâmos ler com gosto requerimentos e memoriaes, tão pouco dignos e tão faltos de razão.

D. Joaquim não morava com seu irmão. Este habitou com sua irmã D. Anna, nos ultimos tres annos da sua vida, n'uma casa da rua dos Cardaes de Jesus, que tinha ultimamente o n.º 25, e que pertence ao predio em que hoje habita o sr. Eduardo Coelho. A casa pertencia a um amigo do poeta, Fortunato da Silva, que morava no pavimento rente do chão. Alli falleceu o senhorio, antes do poeta morrer, mas a viúva D. Brigida não se mudou, como se não mudou tambem o poeta depois da morte de sua irmã D. Anna.

Atacado no dia 22 de junho de 1811 parece que por um volve, e sentindo-se afflictissimo, correu a casa de D. Brigida, e alli expirou.

Da casa em que morou e morreu com 71 annos Nicolau To-



PALACIO DO SRS. DUQUES DE PALMELLA, EM CASCAES

lentino restam ainda hoje dois arcos doricos piedosamente conservados pelo nosso illustre collega o sr. Eduardo Coelho.

PINHEIRO CHAGAS.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O Fortinho

Conheci-o em casa de Alexandre Herculano, em um d'aquelles saudosos jantares dos sabbados, em que o mestre, abdicando momentaneamente da sua habitual austeridade, era o mais franco e o mais leal dos convivas.

N'esses alegres jantares da casa da Ajuda, a que Bulhão Pato por mais de uma vez se tem referido nos seus livros, tudo se discutia despretenciosamente, desde o discurso parlamentar que fizera sensação de vespera, até ao novo livro, em que um bom talento se manifestava; desde as aneddotas escabrosas dos bastidores dos theatros, até aos projectos de lei que se discutiam, ou se annunciavam para ser discutidos em S. Bento. E não se pense que os jantares de Alexandre Herculano tinham a casmurrice pautada das discussões academicas, ou a fleugma britannica de um

club de sabios, procurando a solução de um problema social qualquer.

Longe d'isso. N'aquellas amigaveis palestras, por concurso geral de todos os convivas, prescindia-se do *prato forte*—a erudição. Os epigrammas cruzavam-se no ar, os bons ditos relampejavam, as replicas promptas e causticas substituiam os raciocinios massudos das academias.

O dono da casa, o presidente, fallava pouco. Contentava-se em rir do calor que os rapazes tomavam no desencadear dos dialogos, que, encetados muitas vezes antes de nos sentarmos á mesa, se animavam com o optimo vinho verde com que alguns lavradores do norte presenteavam o mestre, se avigoravam ainda ao desrolhar-se a empoeirada garrafa do higienico Porto, de 1815.

Em casa do mestre não se fazia politica. Cada conviva tinha a sua, de que abdicava ao transpor a porta da casa hospiteira da Ajuda, e cartistas e setembristas esqueciam momentaneamente os seus reciprocos agravos, salvo o direito de se gladiarem ao outro dia nos jornaes.

A' mesa ninguem fallava na reacção de 9 de outubro de 1847, nem da deportação dos patuleas para a Africa, nem da convenção de Gramido, nem da intervenção estrangeira nos negocios publicos do nosso paiz. Alardes de talento tambem se não faziam lá, excepto quando a conversação dava pretexto a que Rebello da Silva irrompesse em impetos de uma eloquencia natural, mas acomodada ao meio familiar em que se encontrava, para ouvir, sorrindo, os epigrammas com que de caso pensado os demais convivas o estimulavam pelo prazer artistico de lhe ouvirem a replica, sempre facil, sempre triumphante.

Francisco Maria Bordalo, o auctor de tantos livros solidos,

que nem por isso deixavam de ser amenos, era um dos frequentadores mais effectivos, e dos mais desejados em casa de Alexandre Herculano.

Apesar da sua ruim saude, Francisco Maria Bordalo, levava alegremente a vida, e comprasi-se até em zombar da doença fatal que o perseguia, e de que não ignorava o proximo desenlace. Como primeiro tenente da armada que era, tinha viajado muito, e traduzido em livros, de uma analyse profunda, as suas impressões de homem de mar, a que por vezes alludia n'uma conversação animada e despida de atavios de rethorica. Bravo, como um verdadeiro official de marinha, nem o mar o intimidava, nem as contrariedades da vida lhe eram barreira ás suas resoluções, quando uma vez definitivamente tomadas.

Caracteres d'esta tempera tem o condão de se impôr aos inimigos e de attrair a si verdadeiras dedicações. Com effeito, Francisco Maria Bordalo, tinha amigos que o não eram só no nome, e entre elles um moço que não sei como nem onde o conhecera, que lhe tinha mais do que amizade, uma verdadeira cegueira. Chamava-se Fortinho, morava proximo da casa de Alexandre Herculano, e não tinha ainda a esse tempo encetado nenhuma carreira, nem denunciado o proposito de seguir uma profissão qualquer. A convivencia seguida com Francisco Maria Bordalo, fizera-lhe tomar amor ás coisas de mar, levava-o a interessar-se pela nossa marinha, a alongar a vista para os assumptos coloniaes, n'esse tempo muito mais descurados do que hoje.

Para encurtar episodios, Fortinho arvorou-se em critico de todos os actos officiaes emanados do ministerio da marinha, e começou a escrever nos jornaes salgados artigos contra a nossa administração colonial, contra a organização dos nossos arsenaes finalmente contra os commandantes dos navios de guerra que, segundo a sua opinião, não conservavam a bordo a disciplina militar.

Passados mezes, Fortinho tinha accentuado os seus creditos de censor officioso, sem temer que um dia viesse a conhecer os ossos do officio, resultado previsto das suas ardentes polemicas pessoasas.

Quando eu conheci o Fortinho, na Ajuda, era elle um rapaz nervoso, activo, attribiliario, prompto a responder fosse em que campo fosse pelas asperesas do seu estylo, pelas possiveis injustiças das suas apreciações. No tracto intimo era desprezencioso, folgazão, alheio a calculos, apreciador consciente da vida facil que se leva aos vinte e tantos annos, idade em que as illusões são muitas, e raro a primeira decepção nos tem roçado com a sua aza negra.

Alheio a quaesquer outras discussões jornalisticas, Fortinho continuava sempre no seu proposito de exclusivamente se occupar de negocios relativos á marinha, escrevendo artigos repassados de fel, e ignoro até que ponto justificados.

Um dia, n'um d'esses bellos dias de mocidade, em que se pensa em tudo, menos em coisas tristes, batem-me á porta, e recebo em seguida um bilhete de visita do Fortinho, em que dizia precisar fallar-me com toda a urgencia.

Logo em seguida vejo-o entrar a elle, alegre como nunca o vira, verboso como eu nunca o conhecera, e sem mais preambulos declarar-me que se bateria em duello no dia seguinte, ás 9 horas da manhã, e que me vinha convidar para eu ser seu padrinho!

Cahi das nuvens! Então que diabo de tolice é essa? Com quem, e porque se bate você em duello? Que lembrança foi a sua em me escolher para testemunha d'esse desagradavel negocio? Vamos, sente-se; socegue; conte-me isso tudo por miudos.

E sem querer sentar-se, o Fortinho contou-me o seguinte com a maxima volubilidade, e com um intimo contentamento, de que toda minha vida me hei-de recordar.

«Você tem lido os meus ultimos artigos acerca de coisas da marinha?»

«Francamente, não.»

«Pois tenho pena que não lesse a tunda que eu preguei em diversos officiaes de marinha, entre elles, no capitão-tenente Schultz.»

«—E depois?»

«—Depois elle respondeu-me desabridamente, eu fui espectral-o á porta do arsenal da marinha e insultei-o de viva voz.»

«Percebo agora; e elle desafiou-o não é isso?»

«—E' isso mesmo. Bato-me amanhã, á espada, e venho pedir-lhe para você ser um dos meus padrinhos.»

No dia indicado pelo Fortinho, era um domingo, e d'esta circumstancia me quiz eu aproveitar para declinar a honra de apadrinhar uma causa que me parecia injusta, pretextando quantas razões mais ou menos solidas me accudiram para me descartar de um encargo sempre desagradavel, e com especialidade n'aquellas circumstancias. Fortinho declarou-me positivamente que não podia dispensar os meus serviços, e eu resolvi-me acompanhá-lo ao campo, não sem lhe perguntar quem eram os representantes do seu adversario, e como era que eu, sem ser ouvido até então, me encontraria envolvido em tão inesperada pendencia.

«Os padrinhos do meu adversario são o Sant'Anna e Vasconcellos, e um outro Vasconcellos, major do Estado Maior do exercito.»

«—E o meu collega quem é?»

«—O seu collega é o Figueiredo de Infantaria 14.»

Antes de continuar preciso dar uns traços biographicos dos tres individuos envolvidos n'este triste negocio.

Sant'Anna e Vasconcellos, hoje visconde de Nogueiras, e encarregado de negocios de Portugal em Washington, era um rapaz valente como as armas; irascivel mas generoso; de uma força herculea, e tendo dado as suas provas de duellista brilhante em mais de um conflicto, de que se saíra sempre briosamente.

O major Vasconcellos era conhecido de todo o exercito pela sua bravura, pelas suas idéas cavalheirosas, e pelo apuro excepcional dos seus fardamentos, que o punham em evidencia entre os demais camaradas. Annos depois do duello que vamos narrar, o major Vasconcellos era morto em Braga pelos seus proprios soldados, no momento em que temerariamente corria de espada em punho sobre o regimento que se sublevára, e elle pretendia trazer á subordinação militar.

Pelo que respeita á terceira figura d'este drama, o meu collega Figueiredo, o Figueiredo do 14, como lhe chamavam os condiscipulos da escola polytechnica; era então aspirante a official, tido e havido entre os estudantes de todas as escolas de Lisboa, como sendo o de mais forças phisicas, de um valor correspondente á força, mas tambem de uma prudencia generosa, e de uma inexcedivel longanimidade de caracter.

Ao outro dia de manhã cedo, estavam todos reunidos no segundo andar de um predio da rua do Arsenal, dispostos a partir para o nosso destino, quando o major Vasconcellos objectou que as espadas estavam desegualmente affiladas, e que n'estas circumstancias o combate não seria leal.

Mandadas as espadas a affilar a um cutileiro do Calhariz, voltavam depois nas circumstancias requeridas, e nós todos partiamos em direcção ao Alto de S. João, por se haver combinado que o duello tivesse logar em um terreno proximo.

Durante o trajecto Fortinho ia radiante, fazendo epigrammas, e *calmbourgs*, e considerações humoristicas ácerca do local em que o duello se ia effectuar.

Compridas as formalidades do estylo, e pouco depois de dado o signal para começar o combate, o capitão tenente Schultz recebia na testa um grave ferimento, não bastando os lenços de nós todos para lhe estancar o sangue, que em tanta abundancia corria, que a principio julgámos que fosse um golpe mortal.

Foi n'este momento solemne, que Sant'Anna e Vasconcellos, por um sentimento em si louvavel mas inaceitavel em negocio de honra, lançou mão de uma das espadas, cabidas por terra, provocando o Fortinho a um novo duello, sendo-me difficil convencer-o do passo errado que pretendia dar, chegando eu não sem difficuldade, a conseguir o fim que se desjava.

Durante este incidente o major Vasconcellos fazia causa commigo, e o Figueiredo do 14, pallido como um defunto, não proferia nem uma palavra, dispondo-se mentalmente para entrar em scena quando o julgasse opportuno.

Conduzido o ferido á casa da sua residencia, recebeu-se durante dias que lhe sobreviesse um tetano, e d'ahi uma responsabilidade immensa para todos os envolvidos em tão desagradavel pendencia.

Desde então perdi de vista o Fortinho, e só voltei a ter noticias d'elle, quando me disseram que tinha partido para o Brazil em demanda de melhor fortuna da que tinha tido na patria. Passados annos ouvi dizer, e o facto confirmou-se depois, que o Fortinho enriquecera no Rio de Janeiro, mas devéras, a ponto de merecer a qualificação de banqueiro. Mais me disseram ainda, que continuava ostentando os seus principios democraticos, rindo dos compatriotas, mascarados com os titulos mais ou menos sonoros de barões e de viscondes, e que elle conhecera ao chegar á America, uns de tamancos, e os menos exigentes de pé descalço.

Um dia, porém, constou-me que o Fortinho perdera toda a fortuna adquirida, n'uma ruinosa especulação de fundos publicos, e que em vez de curvar a cabeça aos desarrasoamento do destino, partira para o Rio da Prata, na esperanza de reconstruir as suas desmoronadas operações financeiras.

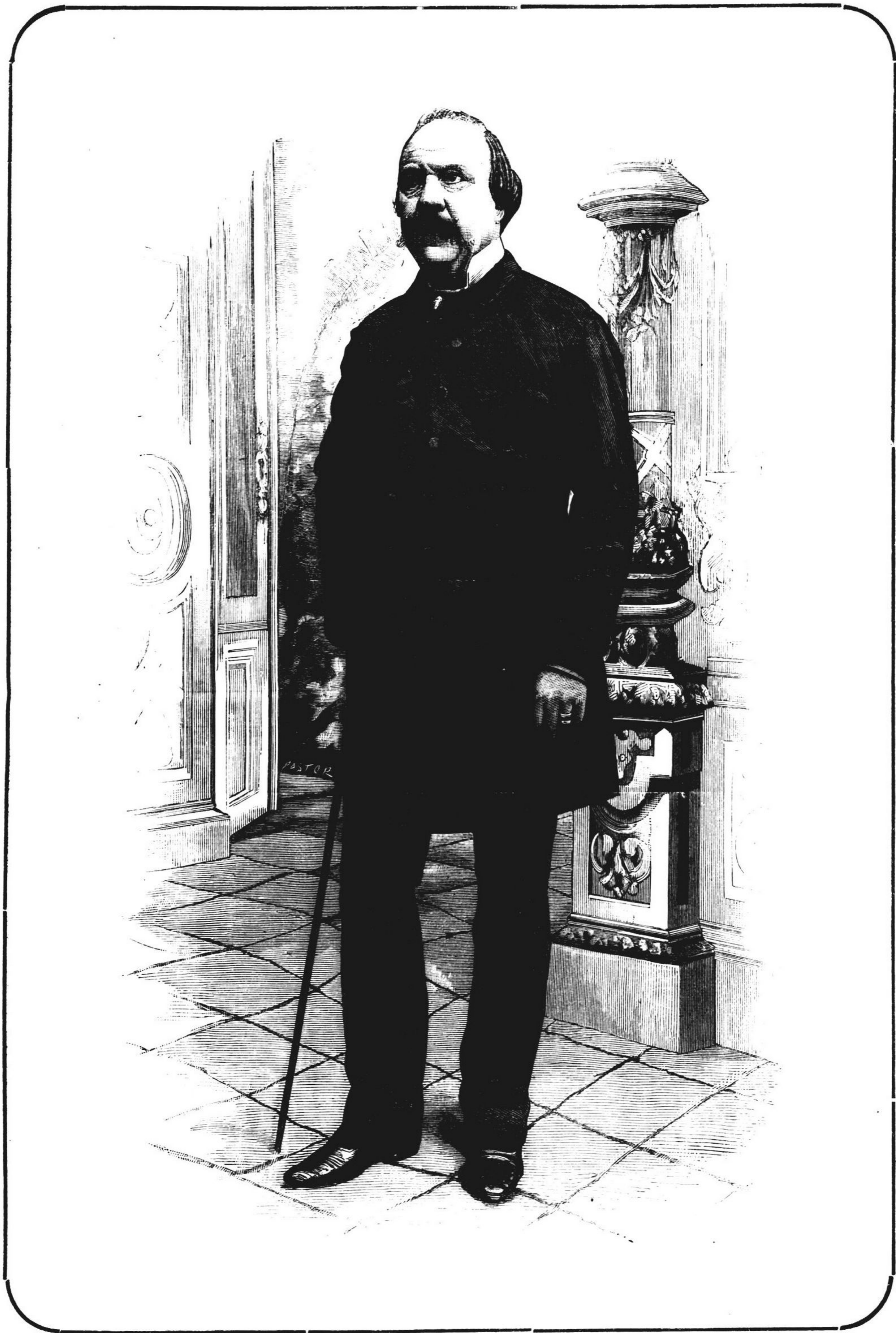
Seguiu-se depois um largo silencio. Chegavam todos os mezes ao Tejo caravanas e caravanas de portuguezes que se recolhiam á patria, uns pôdres de ricos, os outros com as mãos abandonando, e do Fortinho nada de novo!

Até que um dia ao ler por acaso a lista dos recémchegados aos hotéis de Lisboa, deparo, não sem pasmo meu: Fulano de tal Fortinho... Hotel Universal!

Fui a correr procurá-lo. Não era o mesmo rapaz que eu conhecera, alegre, brincalhão, intrepido, duellista. Nas suas palavras, nos seus modos, na sua conversação hesitante, denunciavam-se os cuidados, as preocupações do homem de negocios; do financeiro que calcula as eventualidades de futuro.

Em vez de subsidios novos para o estudo da zoologia, representados por macacos, piriqitos e catatuas, que os nossos compatriotas trazem da America como recordação das suas longas excursões pelo interior do paiz, Fortinho apenas mostrava aos seus mais intimos algumas reliquias historicas, taes como objectos que haviam sido do uso pessoal do celebre dictador do Rio da Prata, o sanguinario general Rozas.

Passados mezes, Fortinho desapparecia ontra vez! A estas horas, o que será feito d'elle? Reapparecerá por ahí qualquer dia, velho, gottoso, trazendo o testamento na mala de viagem, exclu-



JULIO CESAR MACHADO

sivamente preocupado de chegar a tempo de encommendar o tumulo em que repouse para sempre na terra da patria? ou ter-se-hia naturalisado americano, e passará agora as sextas baloiçando-se indolentemente n'uma rêde á sombra das palmeiras? Outra supposição: Terá morrido?

Se tal foi, devia em vida tel-o pungido a idea de não poder ser enterrado no cemiterio do Alto de S. João, perto do local aonde ha perto de um quarto de seculo se batera em duello, e aonde ha muitos annos tambem descançam em paz os restos mortaes do seu adversario de um momento.

Se o Fortinho morreu, como estou convencido, apenas restam vivos a poder testemunhar do duello que narrei, Sant'Anna e Vasconcellos, metamorphoseado em visconde de Nogueira e eu.

Quando partiremos nós ambos?

L. A. PALMEIRIM.

CONTOS DA CARÓCHINHA

Baptistina ou os tres leitos

I

O anjo da guarda de Baptistina, com as suas brancas azas immaculadas, encostára-se a cabeceira do pequeno leito virginal.

—Baptistina! Baptistina!

—Quem me falla?

—Sou eu, o teu anjo da guarda.

—O que queres tu, meu bom anjo?

—Baptistina, não estou contente contigo. Tu não dormes, e o teu pensamento vò para esse mancebo que encontraste antehontem no teu passeio. Se tivesses prolongado a vigilia para fazer exame de consciencia, ou para rezar, não te crimaria; mas o que não posso admittir é que uma menina, cuja alma esta sob a minha guarda, occupe as horas da noute na contemplação de imagens perigosas e de tentações profanas.

—É cruel, meu anjo da guarda! Visto que estou em idade de cazar, não sei que mal possa haver em lembrar-me d'aquelle que deve ser meu esposo; porque, o mancebo a quem acaba de alludir, pediu a minha mão e foi acceite pela minha familia.

—Baptistina! não era esse o destino que eu sonhara para ti. Pois que! tu, que és mais formosa do que os bellos anjos do Paraizo, tu, que merecerias, depois da existencia mortal, passada no claustro, casar no céu com algum Espirito da mais alta jerarchia, tu queres entrar no mundo e entregar-te aos seus ephemerous gosos? Queres ser esposa de um homem, tu, que poderias ser, a partir de hoje, a noiva de um divino noivo? Resiste, aconselho-te, ás tentações da terra e reserva-te exclusivamente para as celestes nupcias.

—Meu bom amigo, nada tenho a dizer contra si; tem desempenhado sempre com o maior zelo, demasiado talvez, os deveres que contraiu commigo. Mas, realmente, afigura-se-me que esta occorrença agora não é da sua competencia; rogo-lhe que não se offenda, se prefiro a tudo na terra e no céu, aquelle de quem serei esposa amante e fiel.

—Ai de mim! murmurou o anjo da guarda.

—E, abrindo as azas, levantou o vôo atravez da noute, onde as estrellas scintillavam como pequenos olhos, levemente maliciosos.

II

O anjo da guarda de Baptistina, melancolico e immaculado na sua alvura de lirio, conservava-se encostado á cabeceira do leito nupcial.

—Baptistina! Baptistina!

—Quem me chama?

—Sou eu, o teu anjo de guarda.

—Ahi peço-lhe que se afaste. Saiba, meu bom anjo, que meu marido é muito ciumento; ama-me tanto, quanto eu o amo! D'aqui a um instante entrará n'este quarto, para onde minha mãe me conduziu chorando e sorrindo. A sua presença, por muito immaterial que seja, pôde desagradar aquelle de quem vou usar o nome; só dispõe do tempo indispensavel, meu querido anjo, para regressar ao seu paraizo, deixando nos no nosso.

—Baptistina, não estou contente contigo! É pois certo que vais ser uma mulher, similbante ás outras mulheres, repudiando para sempre a santa vocação que te attraiu para a divina tran-

quillidade do claustro? Oh! que magnifico futuro se desdobrava ante os teus passos!...

Em seguida ás austeridades monachaes e aos ineffaveis extasis da oração, subirias para o céu, como uma flecha que vai bater no alvo, e ahi, nos incomparaveis gosos da bemaventurança, serias o anjo bem amado, com azas de neve, companheira do anjo dominador, com azas de fogo!

Agrada-me o futuro que me sorri na terra. Terei um excelente marido, que anarei apaixonadamente; terei a alegrar-me a casa os risos infantis das creanças que se divertem. Uma mulher feliz, uma mãe ditosa, eis o que serei. Não me lastime, meu anjo da guarda. Não, não, renuncio (sou boa christã!) ao meu logar, mais tarde, no paraizo. Em quanto espero, amo, adoro aquelle que me adora, e... mas supplico-lhe que se retire, oiço os passos de meu marido; o ciumento seria até capaz de arrancar-lhe algumas plumas das suas azas brancas!

—Ai de mim! suspirou o anjo da guarda.

E voou, com as azas abertas, no céu azul escuro, onde algumas pequenas estrellas, pestanejando como olhinhos de oiro, zombavam, petulantemente.

III

O anjo da guarda de Baptistina, com as azas descaídas, illuminadas pelo luar, conservava-se reclinado sobre a lousa do leito funerario.

—Baptistina! Baptistina!

—Quem me falla?

—Sou eu, o teu anjo da guarda. Penso que d'esta vez não te negarás a ouvir-me. Abi estás morta, pobre creança! de certo te aborrecerás n'esse estreito e sombrio caixão, onde encerraram o teu corpo. Como deves arrependerte de não ter seguido os meus conselhos! Se, insensível ás suggestões mundanas, houveses entrado no convento, terias subido, logo após a tua morte, ao divino paraizo; não ficarias tanto tempo n'esse logar de desolação. Mas preferiste a existencia vulgar, quizeste ter um marido e filhos, e foste, punida.

—Punida? Porque? O que é certo, é que não me arrependo de ter feito o que fiz, de ter vivido como vivo. Amei com todas as forças da minha alma aquelle que me adorava; vi desabrochar em torno de mim, como um ramilhete de flôres vivas, os meus filhos. Fui mulher, fui mãe, fui feliz! Ah! como eu era ditosa a noute, na paz serena do meu lar, ao lado de meu marido, revendo-se nos nossos filhos! Lamento, é certo, ter morrido tão moça, tendo ainda tanta ventura para dar áquelles que me davam tanta alegria, mas seja feita a vontade de Deus.

—Baptistina! Baptistina! abandona, eu te imploro, todas essas chimeras humanas. Obtive do Todo Poderoso que te perdoasse a obstinação com que te prendeste ás cousas temporaes; sou pois a hora em que vais deixar a tua habitação sepulchral, para voares commigo ao maravilhoso Paraizo.

—São esses os meus desejos, meu bom anjo, porque confesso que começava a enfastiar-me nas trevas, onde me deixaram.

—Vem pois! Levanta-te! Voa com as minhas azas! Verás o perpetuo prodigio dos infinitos céos! Ouvirás a universal harmonia, florescerás, melhor do que uma rosa ao sol, na inextinguivel luz! E, para cumulo de gloria, ser-te-ha permitido unir-te a um esposo digno das tuas perfeições, em um templo diamantino, onde Deus será o sacerdote. Oh! que delicias gosaremos!

—Certamente, o meu jubilo será illimitado, visto que, sem duvida, eu terei por marido, no céu, aquelle que foi meu marido na terra!

—Baptistina, a tentação obstina-se em perseguir-te. Teu promettido esposo será um anjo. Quanto ao homem que te afastou do céu, sabe que elle não morreu, que lhe restam ainda muitos dias de vida, antes de descer á morte d'onde se revôa para a immortalidade!

Baptistina, acordada no tumulo, meditava, ouvindo estas palavras.

—Segue-me, repetiu o anjo.

—Não, exclamou ella, não! Visto que meu esposo não está no céu, que vou eu lá fazer? Afaste-se, deixe-me, esperarei, para reviver, que elle reviva tambem; embora sublimes, celestes e celebradas por Deus, recuso a gloriosa alegria das nupcias infieis. Ao seraphim que queria amar-me, prefiro o homem que amo. Esperarei aqui, resignada e cheia de confiança. Juntos subiremos para o Paraizo!

E se a porta do céu nos fôr recusada, o eterno somno, a seu lado, aqui, n'esta sombria cova, será para mim mais suave do que o eterno acordar, com outro, nos esplendores paradisiacos.

—Adeus pois, disse o anjo da guarda.

E voou, enfurecido, desdobrando as melancolicas azas no profundo azul do céu. Mas as pequenas estrellas, que teem visto tantas cousas, que sabem tudo, que não se enganam nunca, abrindo os seus olhinhos de oiro, pareciam dizer: «Baptistina tem razão, querida Baptistina!...»

CATULLE MENDÈS.

A MOSCA

A CASIMIRO DANTAS

I

Ao resplendor purissimo da lua
Avistei n'uma noite constellada
A minha amante, que dormia nua
Sobre um coxim de seda avermelhada.

A sua branca fronte esmaecida
Descançava nas longas tranças bellas,
Como um busto de deusa adormecida
Num travesseiro olympico d'estrellas.

Arfavam-lhe de leve as brancas pomas
As suas brancas pomas gloriosas:
E sentiam-se uns calidos arômas
Do seu corpo nas linhas caprichosas.

E ella—a estatua de summa perfeição
—Alma de gèlo em corpo de bacchante,
Enrolava, a tremer, na sua mão
A bella trança d'oiro fluctuante.

II

D'uma formosa lampada tremente
A luz serena, avelludada e mansa,
Illuminava fugitivamente
O corpo sensual d'essa creança.

E emquanto eu lhe fitava os seios bellos
Do bom luar á luz serena e fôscas,
Vi de repente uma pequena mosca
Poisada no setim dos seus cabellos...

Era uma mosca sensual, tremente,
Que aos sorrisos phantasticos da lua
Ficára presa, irresistivelmente,
Na curva branca d'essa espadua nua.

A delicada mosca estremezia:
E a minha loira e voluptuosa amante
Sonhando, imaginava que dormia
Nos braços vigorosos de um gigante.

E no entretanto, o insecto enamorado
Preso do amor nas sensuaes cadeias
Percorria-lhe o corpo avelludado
Seguindo a estrada azul das suas veias...

III

Era uma noite fresca e luminosa:
Do lampadario aos luminosos brillos
Agonisava um ramo de junquillos
Do Japão n'uma taça primorosa.

E aquella pobre môsca pequenina
Como um borrão de tinta sobre um astro,
Caminhava no candido alabastro
D'aquella dôce estatua alabastrina.

Então, emquanto ao longe scintillava
Do bom luar a luz serena e fôscas,
Meu pobre coração que latejava.
Teve um grande ciúme d'essa mosca!

Tive ciúmes, tive! E em louco aneio,
Com a minha cabeça desvairada,
Matei aquella mosca enamorada,
Que lhe manchava a candidez do seio.

E o tristissimo insecto, agonisante,
Mais negro do que as azas da andorinha,
Cahi aos pés da minha loura amante
Como um vassallo aos pés de uma rainha!

Lisboa, 15 de janeiro de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O ANARCHISTA FRANCEZ, DUVAL

Os jornaes de Paris narraram todos largamente a historia dos crimes que arrastaram á guilhotina o anarchista Duval. Conte-mo-l'a em duas palavras.

O palacio de madame Magdalena Lemaire, na rua Monceau

em Paris, foi assaltado por um bando de ladrões, na noite de 4 de outubro ultimo, quando aquella senhora e sua filha se achavam fóra da capital. Depois de saquearem á vontade o palacio, os bandidos lançaram-lhe fogo.

Doze dias depois, o author principal d'estes crimes estava nas mãos da policia; era elle Clemente Duval, um dos membros mais activos do grupo anarchista, a *Panthera de Batignoles*. Encontraram-se em seu poder joias roubadas a madame Lemaire, no valor de 15:000 francos.

A principio negou o crime, dizendo que encontrára aquellas joias na rua; mas depois confessou que tinha tomado parte na pilhagem do palacio.

Com uma audacia espantosa, Duval declarou então que praticára um acto legitimo, e que o seu intento era distribuir pela collectividade anarchista o producto da venda das joias roubadas. Proclamou-se resolutamente anarchista, e afirmou que, apossando-se d'aquelles objectos, não fizera mais do que uma restituição em seu proveito.

Duval foi tambem accusado de tentar assassinar o inspector de policia que o capturou.

Interrogado sobre este crime, disse cynicamente que praticára apenas um acto de legitima defeza, que se defendera em nome do liberdade, quando o tinham querido prender em nome da lei, d'uma lei que elle não reconhecia.

Taes foram as theorias desenvolvidas por Duval no tribunal, onde compareceu com mais dois dos seus cumplices.

O tribunal condemnou-o á morte.

O PALACIO DOS SRS. DUQUES DE PALMELLA, EM CASCAES

Desde que a villa de Cascaes se converteu, durante a epoca dos banhos, n'um dos centros de reunião da sociedade elegante, começou ali a sentir-se a falta de edificações com as commodidades necessarias para servirem de habitação ás familias dos banhistas.

Aquelles que, pela sua posição e abastança, podiam ter ali casa propria, trataram logo de as mandar construir.

A residencia da familia real em Cascaes, durante aquella epoca, tornou a villa uma pequena Dieppe; o curto periodo de quatro ou cinco annos, tem augmentado consideravelmente o numero dos predios, havendo, entre os mais novos, alguns em que predominam a phantasia e o bom gosto.

A bella vivenda que a nossa estampa representa, situada á beira do Oceano e construida sobre a rocha, no sitio onde anteriormente existia o velho forte de Nossa Senhora da Conceição, é a mais sumptuosa de todas as que ultimamente ali se tem edificado.

Construida no gosto inglez, não tem a apparencia alegre das edificações nacionaes, mas o seu aspecto melancolico e sombrio, contrasta singularmente com as bellezas da architectura.

Dividido em diferentes corpos irregulares e revestido exteriormente de pequenas pedras escuras, em forma de parallepipedos, o palacio dos srs. duques de Palmella é, quanto a nós, a mais elegante de todas as construcções modernas que se tem levado a effeito em Cascaes.

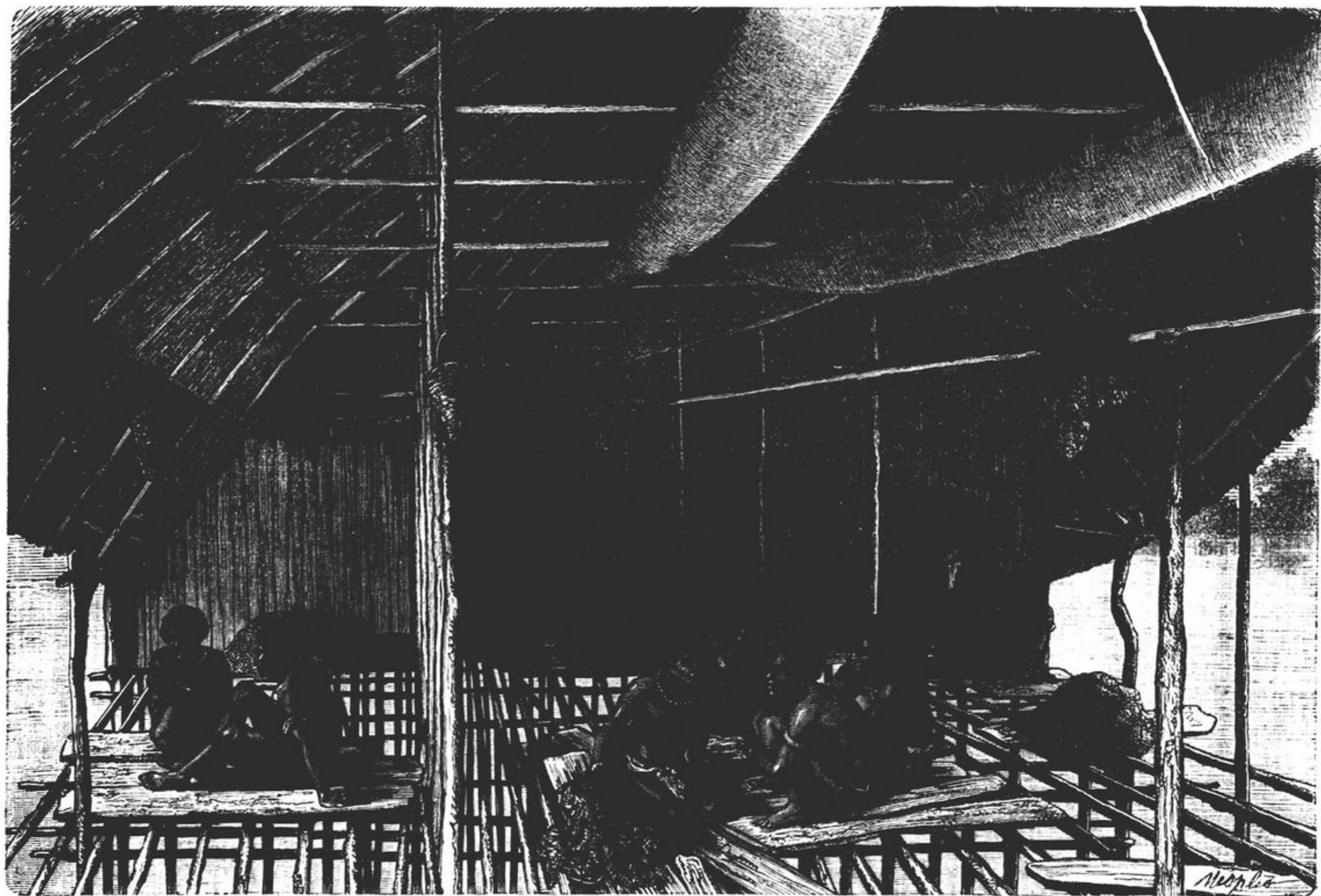
Separado do palacio pela estrada real de Lisboa a Cascaes, fica o magnifico e extenso parque, propriedade dos srs. duques, o mais agradável passeio que tem Cascaes e onde todas as tardes, na melhor epoca do outono, se reúnem em grupos as familias dos banhistas.

JULIO CESAR MACHADO

Vae para trinta e seis annos que fulgura nas letras portuguezas este nome sympathico. Trinta e seis annos de uma vida litteraria, limpida como a alma do escriptor, que soube e pode sempre tirar a salvo a alegre bonhomia do seu character, d'entre os embates dos homens e as contrariedades da vida, esse escolho onde tantos espiritos fortes naufragam. Elle, porém, não naufragou.

Nascido a par de uma forte geração intellectual que em todos os ramos do saber affirmou a sua possante robustez, creado ao lado de homens que, na impreusa, na tribuna, no magisterio tem agitado com vigoroso impulso as idéas mais avançadas do seculo, Julio Machado, furtando-se discretamente a toda a invasão nos dominios alheios, creou para si uma esphera propria, luminosa e ampla, onde tambem elle sósinho, indisputavelmente impera e reina.

O ambito d'esse privilegiado dominio traçou-lh'o com profunda intuição o seu claro talento. Bem cedo norteou a senda por onde lhe cumpria dirigir o seu destino de homem de letras. Venceu as hesitações, as duvidas, as anciedades do primeiro momento, esse inquieto e vago aspirar que a tantos perde, e applicou o esforço todo da sua actividade, o trabalho dos seus dias em con-



INTERIOR D'UMA HABITAÇÃO NA ILHA DE KORIDO (NOVA-GUINÉ)

seguir, tanto é humanamente possível, n'uma só especialidade litteraria, o ideal da perfeição.

Para conseguir esse empenho de um modo superior tinha quantos dotes se lhe podiam exigir. Em primeiro logar uma segura vocação a inspiral-o, a dar-lhe, ante os embaraços exteriores, alentos intimos; depois a perseverança no estudo, a applicação insistente, a vontade firme, que é o segredo dos fortes; e, sobredourando tudo, o mais correcto e bem educado gosto, privilegio raro das almas delicadas, finas, sensiveis.

Foi d'este conjuncto de prendas excepcionaes que se formou a personalidade litteraria de Julio Machado, um dos nossos mais elegantes e graciosos escriptores e, sem contestação, o nosso primeiro folhetinista.

INTERIOR D'UMA HABITAÇÃO NA ILHA DE KORIDO (NOVA-GUINÉ)

As habitações na ilha de Korido, como as de Sovek e de Dorey, na Nova-Guiné, são todas como a que a nossa gravura representa, construídas sobre estacas e com tectos feitos de ramos de res e fetos. Mais parecem nichos de cães do que vivendas de racionais.

A respeito de mobilia, uma ausencia completa corre parelhas com o vestuario das moradores.

JOÃO ANTONIO OGUEIA

Finou-se ha poucos dias este trabalhador sympathico e honesto, que, pelo seu labor honrado, soube elevar-se na sociedade.

João Ogueia nascera na Galliza, aos 10 de abril de 1827. Seus paes, Thomaz Ogueia e Maria Francisca Lourenço, viviam modestamente do seu trabalho e, quando o filho attingiu a idade de 6 annos, mandaram-o cursar a aula de primeiras lettras.

Quatro annos depois, em 1837, veio João Ogueia para Lisboa, em companhia de seu pae. As circumstancias eram precarias; o trabalho escasseava;urgia tomar uma grande resolução.

Era uma noite de novembro e chovia torrencialmente, quando Thomaz Ogueia e seu filho chegaram a Lisboa.

Dirigiram-se ambos ao largo do Rato. Faltava o dinheiro, não havia que comer, a viagem fôra longa e fatigante. O desespero é mau conselheiro, e Thomaz, cansado de lutar, disse ao filho que o esperasse ali, pois voltaria em breve. Seria essa a sua intenção? O caso é que a pobre creança ahi ficou sentada, á porta do sr. marquez de Vianna, esperando de balde que seu pae voltasse a buscá-lo.

O marquez dava n'essa noite um baile.

O pobre abandonado, que se conservava na rua á chuva e ao frio, foi visto pelo mordomo do fidalgo, quando este acompanhava ao trem um dos convidados, que se retirava do baile.

—Sae d'ahi, rapaz; vae-te embora; disse o mordomo, vendo o rapasito a tritar, encolhido, a um canto.

João contou-lhe então que estava á espera do pae, que havia muito o mandara esperar ali e que não apparecia.

O mordomo teve dó da creança, que estava toda molhada, e mandou-a entrar, para que lhe dessem agasalho e de comer.

Conservou-se João Ogueia quinze dias sob a protecção d'aquelle bom homem, até que, já cansado de esperar o pae, que não voltava, lhe arranhou o mordomo uma collocação n'uma carvoaria á Praia de Santos.

João, que não se dava bem na carvoaria (tinha a esse tempo 18 annos), arranhou commodo relativamente melhor no laboratorio chimico do sr. Francisco Mendes Cardoso Leal, então estabelecido no largo do Carmo. A sua occupação ali era a de ajudante do operador dos fornos. João Ogueia era muito applicado n'esse mister, cujas obrigações cumpria com gosto, sentindo vivos desejos de se iniciar nos segredos da chimica.

Em 1853, tendo adoecido o operador, passou João Ogueia para o seu logar. Em 1855, falleceu o primeiro caixeiro, e João, muito bem quisto do patrão pela sua honradez e amor ao trabalho, foi nomeado para o substituir, com a condição de administrar o laboratorio, encarregar-se dos aparelhos e mais trabalho da fabrica, como analyses do ouro e prata, appartações, etc.

Assim se conservou á testa do laboratorio, até abril de 1864, anno em que, por desintelligencias com a familia de seu patrão, se despediu, resolvendo estabelecer-se com os seus poucos capitães, que então não excediam a 300,000 réis.

Alugou uma casa—aquella em que ainda habitava—e ahi montou uma pequena fabrica, onde fazia alguns preparados, que elle mesmo depois ia vender aos droguistas e pharmaceuticos.

Em 1867, afim de desenvolver o seu commercio, resolveu ir ao Porto. Acompanhou-o n'essa excursão o seu particular amigo João José da Matta, hoje tambem fallecido, que o apresentou a alguns dos principaes droguistas d'aquella cidade, que, de então, principiam a fazer-lhe encomendas de summa importancia.

Em 1868, sempre infatigavel no trabalho, principiou a fabricação do *mercurio doce* chimicamente puro; e desenvolvendo pouco a pouco esta industria, conseguiu João Ogueia ser o unico

premiado na exposição do Rio de Janeiro de 1878, com diploma e medalha de prata. De então para cá alargou por tal forma a sua industria, que conseguiu ser o primeiro fabricante e exportador do referido genero, adquirindo alguns bens de fortuna, e um nome honrado, que legou a seus filhos.

Em 1879 soffreu um grande revez na sua fortuna. Como tantos outros, jogou loucamente nos fundos hespanhoes, em que perdeu vinte e tres contos de réis. Não desanimou, poré n; pode até dizer-se que este prejuizo lhe serviu de incentivo ao trabalho, a que se entregou do coração, auxiliado sempre por seu filho, o sr. Joaquim Pedro Ogueia. Compensando os esforços d'este, deu-lhe, em janeiro de 1886, sociedade na sua casa, que ainda hoje gira sob a firma de João Antonio Ogueia & Filho.

Toda a imprensa de Lisboa e provincias, fallou da morte de João Antonio Ogueia, elogiando, assim, um filho do trabalho, que morreu deixando de si memoria honrada.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

A J. R. Castiço

Anda este poeta por ser charlatão—1—2
Mata e não diz a verdade. porque dorme—1—2.
Olhei, no alfabeto e achei um camião—1—1.

ORUOL.

No caminho da musica verás um animal—2—1.
Além é muito extenso o nosso territorio—2—1.

D. C.

Olhei a mulher representando o bispo—1—2.

ANDROIDE

Este vestido suspende esta planta—2—1.

PAE THOMAZ.

Na musica, este grito é duplicado—1—2.
Combate o pezar bulhento—2—1.

PYTON.

CHARADA EM VERSO

(Ao Pequeno Antoninho)

Desculpe, caro Antoninho,
A grandissima estopada,
Que vem hoje dar-lhe Franco
N esta pequena embrulhada.

Queira o amigo ajuntar,
A' primeira uma vogal,
Se quer vêr pequeno rio,
Em terras de Portugal—1

Anteponha agora letra,
Que não seja uma vogal,
E verá pequeno rio;
Em terras de Portugal—1

Terminando, meu Pequeno,
O conceito lhe vou dar:
E' animal que descobre
Se na Africa o procurar.

Enigma *

SALTO DE CAVALLO

(com suppressão d'algumas consoantes)

Premio:—*Vulcões de Lama*, por Camillo Castello Branco **

NI	HE·	GA	PA	DE	·A	AN	·O
E	RA	·A	·US	GA,	·AR	·I	DE
F·A·	U·A	E	DA	A·	·A	IS	·S
IS	FOR	·A	EI	·A	QUA	TO	·MA
A	·I	TI·,	SE 1. ^a	·M	·AR	VE	DA
DÃO,	UM	MA	D·O	·E	ME·	PO·	N·A·
U·	O	P·I	O	E	·E	U·A	C·A
TE	AR	DA	QUE	CI	RA	DA	REP

Funchal

FREDERICO I. DOS SANTOS.

* A solução do enigma é uma charada em quadro, em prosa.
** O premio será enviado a quem primeiro me enviar a decifração.

Logogripho

Retribuição

(Ao distincto charadista, «Visconde de Gergelim», a quem o author offerece, como premio, a sua photographia, caso lhe envie a decifração no prazo de 8 dias para a rua de S. Lazaro—Braga.)

A vossa elegante e sublime producção
Desde ha muito eu quizera haver (retribuido);
Porém faltou-me o tempo, e sem reparação,
Tudo deixei passar n'um completo olvidado.

Agora, emfim, retribuir-vos-hei, amigo,
C' um bello logogripho d'um collega meu,
Para vêr se, como elle, tambem comsigo
Resistir aos fortes. Mas—enganol—morreu?!...

- Eu sonhei que nos teus braços—9, 3, 6, 5, 23, 14.
- Estendia os membros lassos—8, 9, 11, 9.
- Em apertados abraços—7, 22, 2, 8, 4, 22, 4, 2, 11, 18.
- D'um ineffavel prazer;—11, 9, 5, 21, 8, 23, 12.
- E n'este meu doce sonho,—13, 22, 6, 10, 3, 14.
- Que nada tem de risonho,—16, 8, 23, 15, 16, 9.
- Acordei muito tristonho,—3, 9, 5, 2, 15, 22, 24, 5, 6, 22, 18.
- Por isto que vou dizer:—4, 3, 3, 9, 11, 4, 2, 16, 2, 3, 9, 15, 16, 9.
- Sonhei que te vi, menina,—7, 13, 10, 9, 15, 16, 2, 11, 2,
- Entre acerrada neblina—11, 9, 15, 10, 14.
- Que se estende na campina—1, 5, 24, 8.
- Em manbãs frescas de maio;—19, 8, 9, 13, 22, 12, 8.
- Eu sonhei te uma rainha—11, 14, 11, 17.
- Formosa, delicadinha,—20, 14, 11, 7.
- E pensei, senhora minha,—11, 17, 15, 2.
- Que havia de ser teu aiol*

*E n'este sonho dourado
Senti-me bem apertado

E vi-me acariciado
Por uma fada gentil;
(Pequeno Antoninho)

.....
Mas depois à Inquisição
Denunciado por não
Soffri d'elles a prisão
Em idade já senil.

Em Braga (temporariamente).

J. VELLOZO.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Lacão—Pantaleão—Facha—Faca
—Cafede—Caloiro—Regato.

DA CHARADA EM VERSO:—Rapé.

DOS LOGOGRIPHOS:—Pequeno Antoninho—Plenipotenciaria-
mente.

A RIR

A' porta do Martinho:

- Dá cá um abraço, menino. Ora espera, estás de luto?
- Estou, morreu-me a tia Augusta, que tu viste muitas ve-
zes em nossa casa.
- Herdaste?
- Qual! Foi um luto .. a secco!

*

Um bonito pensamento, escripto pela baroneza *** no seu
album de pelucia côr de oiro:

«Em amor, quando os olhares se encontram, tratam-se
tu.»

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA PURIFICAR OS QUARTOS

Lança-se sobre cal em pó um pouco de vinagre forte; deixa-
se repousar, e decanta-se o liquido. Recolhe-se o residuo n'um
frasco de vidro e junta-se-lhe acido sulphurico. O vapor branco
que sae do frasco (condensado no estado de liquido da o vinagre
aromatico do commercio) espalha-se e penetra por toda a parte,
e por tão facil e economico meio consegue-se purificar o ar que
se acha viciado.

A ROSA LINDA

A Rosa Linda, como lhe chamavam lá na aldeia os campo-
neos embevecidos ante tamanho prodigio de formosura, era uma
rapariguita engeitada, que a ama, uma alentada camponeza dos
arredores de Braga, tinha levado da cidade.

Era magra e rija, alva como neve, de cabellos louros ondea-
dos, fartos e sedosos. Os pés descalços e a perna bem feita, des-
tacava-se pela sua alvura deslumbrante, das canellas vermelhas
de frio, das outras pequenas. Parecia que era temperada d'aço a
epiderme d'aquella encantadora creança.

Os seus beijos de romã, como um ninho de promessas, aper-
tados e carnudos, semelhavam um botão de rosa que houvesse
sido cravado entre as duas faces.

O olhar fixo e terno, o olhar da gente loura, tinha a limpidez
atmosphérica de um ceo d'anil. Parecia que se lhe via a alma,
atravez a tranquillidade absoluta d'aquelles olhos.

Toda a gente sabia que a Rosa Linda era uma engeitada; e
havia para com ella esse desdem mal disfarçado pela commiser-
ção, que se dispensa aos que não podem allegar quem era o avô
e a avó.

E' verdade que esses taes, estão a salvo de se lhes apontar um ascendente que haja cursado a escola do Limoeiro, o instituto da Penitenciaria ou as universidades d'Angola e Moçambique; mas ninguem pensa n'essas vantagens.

Os poetas deram em cantar, em sentidas queixas, a sorte de quem não tem paé nem mãe, e não ha contel-os.

Sempre queria que me dissessem o que vem a ser, n'este mundo de artificios, um pobre e pequenino ente em quem os paes batem desapiadadamente quando se embriagam ou quando elles lhes pedem pão. Quando os mandam para a rua pedir esmola, para sustentarem a maudrice paterna, vadiando; quando os atiram para o fundo de uma officina negra e mephitica, obrigando-os a seroar até alta noite, tiritando de frio e fome sob andrajos; quando ainda tenras creanças inexperientes, os despacham para o Brazil como uma mercadoria que a lei aos 14 annos deprecia com o sello fatal do recenseamento militar.

Qual é no novo mundo, perante os azares da fortuna, a differença que existe entre os engeitados e os que deixaram cá os paes?

Cresceu a pequena em belleza e em corpo, e logo foi intima da ama a comparecer com ella na Misericordia, para ser arrebatada para creada de servir.

Appareceu, a procurar uma rapariga da Santa Casa, uma burgueza, mulher de um negociante de fazendas, e agradou-se do senhopil da rapariga. Ajustou-a e levou-a.

Ao transpor as portas da casa burgueza, a pequena teve um estremecimento d'admiração. Era outro inteiramente o meio.

Habituada á vida rustica do campo, entre as quatro paredes d'uma casa, despida completamente de conforto, pasmava do luxo que via por toda a parte. Confundiam-n'a os reposteiros; levantava os pés, com medo de estragar os tapetes.

Na casa havia 3 meninas de 15 a 20 annos. Tres diabinhos rosados. Em breve, a Rosa Linda, cuja figura as encantou, foi o seu divertimento, o seu *petisco*, como ellas diziam rindo ás gargalhadas.

Incumbirem-se de desbastar aquella camponesa sympathica; tirar-lhe o pello, como ellas affirmavam, foi para as meninas uma tarefa de toda a gravidade.

A mãe não via senão pelos olhos das meninas; o paé era um baboso por ellas. Havia dinheiro em casa e por isso as pequenas não tinham um capricho que não fosse logo satisfeito.

Em menos de dois annos a Rosa Linda tornou-se uma moçona de truz. Muito bem prendada, muito bem vestida, muito bem fallante, e até lendo e escrevendo, porque as meninas ensinaram-lhe tudo o que sabiam.

Não lhe ensinaram francez, porque o papá era muito carola, e no plano de educação das filhas, consultara o conego Alves, Sua reverendissima, que era ainda do tempo dos francezes e lhes tinha um odio de frade, persuadiu o homem, do que seria uma imprudencia ensinar-lhes um idioma tão perigoso, pelas cousas abominaveis que n'elle ha escriptas, quer recuando até Voltaire, ou atolando-se a gente no tremedal da moderna litteratura franceza.

As raparigas, porém, eram ladinas como todas as jovens, por isso que ha uma inspiração que brota espontanea da verdura da mocidade e se propaga pelo ar como as sementes que o vento leva.

Apesar da resistencia do conego e do papá a todas as manifestações intellectuaes do progresso, ellas liam os jornaes e romances e não ignoravam nada.

Como tudo o que sabiam transmittiam á creada, fizeram d'ella quasi uma igual. Era difficil conhecer a inferioridade de posição da engeitada. E isto, explica-se; porque em Braga, o sentimento religioso alliado á sem cerimonia provinciana, leva os sérvos de estimação a viverem como em familia com os amos.

Deu-se porém um acontecimento que veio perturbar a limpida paz da familia do negociante. Um irmão que elle tinha no Brazil annunciou a sua volta. Vinha padre de rico, como dizia o negociante.

Ora o irmão, da ultima vez que estivera em Portugal, haviam já decorrido 15 annos, a idade de Rosa Linda, tinha prometido ao negociante casar com a filha mais velha, então de 5 annos, em a sobrinha attingindo 20.

Fôra a rapariga embalada desde creança n'aquelle aureo sonho e estava predisposta para o sacrificio.

Apenas chegou a noticia do proximo embarque do tio no Rio de Janeiro, toda a casa foi virada. Fizéram-se verdadeiros disparates, orgias de assucar e ovos em massas e doces. Todas as camas apanharam colchas novas e todos os quartos forrados de papel de 100 réis a peça, excepto o do quarto dos noivos, que custou seis vintens. A dona da casa até o foi mostrar ao conego, boquiaberto ante tanta grandeza...

Chegou emfim o dia appetecido de se dependurarem todos ao pescoço do brasileiro.

As senhoras na sala, rodeadas das amigas mais intimas, esperavam o rodar da carruagem que devia trazer o negociante e o irmão. Subito, sente-se o barulho caracteristico do trem. E' elle. Todos se levantam e correm á escada. O brasileiro apparece vestido inteiramente de branco. Na cabeça um largo Chili de finissima palha. Os dedos cheios de aneis medonhos. Um cordão de ouro ao peito, prendendo o relógio.

Entram todos na sala, e o chefe da casa, no seu entusiasmo, tem a infeliz lembrança de apresentar tambem ao irmão os creados.

O brasileiro observa-os com a mesma impertinencia com que examinaria uma collecção de macacos, e para todos tem uma brutalidade que suppõe uma graça.

Chega a vez da Rosa Linda. A rapariga adianta-se tremula. O brasileiro encara-a, arregala os olhos, depois, como que duvidando de si mesmo, pega-lhe nas mãos, puxa-a bem para si, e profundamente sensibilizado, pergunta-lhe:

—Como te chamas?
—Rosa Linda, meu senhor...
—Que idade tens?
—Quinze annos.
—D'onde és?
—Sou exposta da Santa Casa de Braga.

—Mas quem te creou?
—Foi a Anna dos Moinhos, da Fajã de Baixo.

O brasileiro, no meio do espanto geral, ergueu-se como um doído e correu para a porta, desaparecendo como se o mordeia um cão damnado.

Imagine-se o assombro que se apoderou de toda a familia, deveras intrigada. A Rosa Linda tambem nada adiantava e suppoz para si que o homem era maluco.

Tinhão decorrido apenas 2 horas, quando o brasileiro subiu de novo, a quatro e quatro, os degraus da escada do irmão, e penetrando na sala como um furacão, chamou a Rosa Linda e abrindo-lhe os braços, apertou-a entre soluços ao peito herculeo, pronunciando estas duas palavras que resumem em si um hymno e que pela primeira vez foram acariciar os ouvidos da pobre rapariga:

—Minha filha!...

E perante a familia embasbacada, explicou que tinha reconhecido nas feições da Rosa Linda, o vivo retrato de uma rapariga que tinha seduzido quando estivera em Portugal da ultima vez, e que sabia ter morrido de parto, ignorando completamente o que fora feito do filho ou filha; mas que agora, com o auxilio da ama, tinha obtido na Santa Casa todos os signaes que acompanhavam a creança ao ser exposta, um dos quaes era um medalhão d'ouro com o retrato d'elle, que a exposta levára pendurado ao pescoço.

E abraçando-a novamente, pela segunda vez murmurou entre beijos, estas duas palavras incomparaveis:

—Minha filha!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



JOÃO ANTONIO OGUEIA